FORTIM

Não sabemos ao certo como se deu a fundação do Fortim que fica a algumas milhas, barra a dentro do rio Jaguaribe, mas é crivel que os primeiros navegadores viessem de Pernambuco nas incursões de Jeronymo de Albuquerque.

Primeiramente estabeleceram-se ao lado direito do rio, na entrada da barra, em lugar hoje completamente dominado pelas dunas, onde houve uma povoação da qual existem apenas como attestado da antiga habitação alguns coqueiros. Certamente ahi se erigiu um pequeno forte.

O actual fortim está situado, ao que parece, na data de Villa Viçosa, a margem esquerda do rio. O Dr. Antonio Manuel Galvão, Ouvidor e Corregedor da comarca por mandado que assignou em 2 de Novembro de 1811 deu commissão ao juiz ordinario do Aracaty, capitão José Monteiro de Sá, para fazer a medição e demarcação das terras dos sitios Villa-Viçosa e Jardim, este pertencente ao capitão Camello Vasconcellos e aquelle ao capitão João Fernandes da Costa. A medição teve lugar de 20 a 26 de Novembro de 1811 sob o rumo de leste a oeste.

Pela navegação franca do Jaguaribe até a cidade, do começo ao meiado do seculo passado, obvio é que era de pouca importancia o Fortim, por quanto os navios veleiros a principio e depois alguns barcos a vapor vinham fundear no porto do José Alves e da Feira Velha.

Ouvimos, ha pouco, de um ancião respeitavel, digno de toda fé, octogenario, que pelas eras de 1830 mais ou menos assistira a entrada do primeiro vapor vindo de Fortaleza—O Mamanguape—.

Com a escassez dos invernos e consequente formação das dunas, principalmente á margem esquerda, o Jaguaribe foi se aterrando de modo que as embarcações de maior calado não mais chegaram a cidade, nem immediações.

O Dec. Imperial n.º 6662 de 2 de Janeiro de 1871 habilitou a Meza de Rendas do Aracaty para os despachos de cabotagem, os de exportação e os de producção dentro ou fóra do paiz.

Fez então em 1872 no Fortim o suisso Snr. George Jacob Brunchweiler um trapiche, e um grande armazem que já não existem. Daquella epoca para cá o povoado tomou incremento.

As casas pertencentes hoje a Manuel Nogueira da Costa e Francisco Nascimento de Oliveira foram construidas de 1870 a 1872 e a que primitivamente foi de Horacio Francisco Ramos data de 1879, edificada de taipa, actualmente é uma magnifica vivenda, bem confortavel, devida aos melhoramentos feitos pelo Dr. Lahmeyer.

O maior proprietario dos terrenos adjacentes, até o Pharol, foi o commendador Carvalho, que em 1857 levantou sobre um bloco de pedra reentrante no rio, em forma espherica—a que o vulgo denominou Chapeu—uma casa bem feita de tijollo e um sitio ou pomar para *villegiaturas*.

Nesse predio havia um oratorio privado, concedido por faculdade do Bispo de Pernambuco, D. João da Purificação Marques Perdigão e confirmado pelo 1.º Bispo do Ceará, Luiz Antonio dos Santos, Marquez do Monte Paschoal, o qual em 1872 alli esteve por dois dias tendo celebrado missa e administrado o chrisma.

Por alguns annos os sacramentos só eram distribuidos com assistencia do commendador Carvalho ou de sua esposa, conforme á concessão episcopal.

Pela festa do Natal havia missa campal, erguido o altar junto ao muro, lado do noroeste.

Mortos aquelles, cessou a celebração dos actos religiosos.

A exploração das salinas do Canoé, que demoram á barra do rio Pirangy, a 18 kilometros, mais ou menos do Fortim, deu grande desenvolvimento á povoação, cujo movimento foi animador durante os annos de trabalho.

Por esse tempo construiram-se muitas casas no percurso de um kilometro em pequenas ruas parallelas ao rio contendo actualmente 73, do Galpão ao Alto do Triumpho, das quaes 13 são de telha, tijollo e taipa e 60 de palhas, contando 407 habitantes de ambos os sexos.

O Dr. Rodolpho F. Lahmeyer, abalizado e operoso engenheiro, arrendatario das salinas, d'ahi fez a séde dos serviços, hoje pertencentes á Companhia Commercio e Navegação e constantes do seguinte: um galpão de tijollo e telha, officinas e almoxarifado, uma calha montada em alicerces de pedra e cal, uma caixa d'agua para abastecimento das locomotivas, um moinho de vento, um pequeno açude de pedra, cal e parte de cimento. Elle erigiu em 1906 uma capellinha sob a invocação de N. S do Amparo. E' um templosinho alvadio e elegante, sito em uma bella collina, de forma architectonica moderna, medindo 87 palmos de fundo, por 37 de largura, ladrilhado a mosaico e coberto de telhas francezas, forrado o tecto de madeira. A fachada tem tres portas de entrada e em cima duas janellas grandes e duas pequenas, sendo as ultimas dentro de uma arcada, nas quaes serão collocados lindos *vitraux* representando a Familia Sagrada, assim como nas doze claraboias das paredes lateraes. Encima a alegre Ermida uma torre esguia, na qual se acham dois sinos, sendo o maior fundido no Rio G. do Sul, insculpida a effigie do orago.

O altar-mór com tres nichos é feito de madeira, bem torneado e polido, assim como a escada em espiral que se eleva ao côro—pequena construcção assoalhada e guarnecida de artistica balaustrada.

As imagens já foram adquiridas no Rio de Janeiro onde ainda se acham em poder da Ex.ma esposa do Dr. Lahmeyer, iniciadora da obra, a qual dá esperanças de vir inaugural-a até o fim do corrente anno.

Parte do local em que está edificada a capellinha já havia sido benzido em 1872 pelo Bispo D. Luiz.

O governo do Estado por acto de começo do anno passado transferiu para o Fortim a cadeira mixta de Caiçara, regida então pela intelligente professora D. Marianna Barros e actualmente pela graciosa, elegante e habil normalista D. Argentina Façanha. A frequencia é de 30 alumnos, na media.

A população é laboriosa e ordeira, vivendo da agricultura e da pesca.

As terras são feracissimas produzindo tudo com exuberancia.

Lamentavel é a derrubada das mattas, pois a vegetação tornou-se enfezada e pequena, devido ao machado que não cessa de abater as arvores para combustivel, o que traz a terrivel consequencia do afrouxamento do solo arenoso que, cavado pelas marés, vae abatendo para dentro do rio, obstruindo o canal.

Nos annaes do crime regista-se um hediondo, occorrido na povoação em 1883. Raimundo de Souza Miranda, pratico da barra, em estado de embriaguez, assassinou em uma casa perto da de Francisco N. de Oliveira, uma sua amasia, que em defeza, apresentando-lhe um filhinho, de que era pai o assassino, caiu esfaqueada, assim como a creança. Sendo o reu submettido a julgamento pelo Jury presidido pelo Dr. Manoel Coelho Cintra, este, considerando um só crime, condemnou-o a 14 annos de prisão simples, grau medio do art. 193 do Cod. crim. Falleceu na prisão.

(D'*O Aracaty*, n.os de 21 e 27 de Agosto de 1909).